

231

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV  
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

GETÚLIO SANTOS ARAÚJO

A PRODUÇÃO DE TEXTO NO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA PÚBLICA  
JEOVANDO LOPES DE ALMEIDA EM UMBURANAS

JACOBINA/2004

GETÚLIO SANTOS ARAÚJO

A PRODUÇÃO DE TEXTO NO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA PÚBLICA  
JEOVANDO LOPES DE ALMEIDA EM UMBURANAS.

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como exigência parcial do Curso de Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, oferecido pelo colegiado de Letras do Departamento de Ciências Humanas do Campus IV.

Orientadora: Professora Ms. Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem ele eu nada poderei fazer.

Aos meus pais que sempre apoiaram minhas decisões.

A comunidade escolar Jeovando Lopes de Almeida, em Umburanas, pelo carinho.

Aos professores Joelson Araújo, Cleane Panta, Adriana Batista, Carla Muniz, Elisânia Bruno e Ronise Saane que contribuíram para a realização deste trabalho.

A professora orientadora Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios, pela paciência que guiou-me nessa trajetória.

À

Jadine Oliveira Araújo, minha filha e Jucélia Santos Oliveira Araújo, minha esposa, que nas horas difíceis foram o meu porto-seguro.

Suely Cristiane Gomes do Nascimento, minha amiga que vibrou com a minha conquista.

Marineuza, Marineide, Verônica, minhas irmãs pelo apoio.

## RESUMO

Este trabalho é o resultado da pesquisa feita no curso de especialização em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e tem como eixo central o texto. Surgiu a partir de inquietações acerca das concepções das práticas de produção textual, e o tratamento dado nas aulas de Língua Portuguesa. Apresenta discussões acerca do texto, leitura, linguagem e ensino. Com base na “etnopesquisa”, busquei interpretar os sentidos e significados presentes nas ações de alunos e professores através de entrevistas, observações das aulas e análise de textos dos alunos. A análise traz a descrição do trabalho dos professores, o que facilita a escrita dos alunos assim como suas dificuldades. Traz a discussão sobre texto e gramática, o cotidiano como condição para a prática de produção textual e as séries iniciais e as práticas textuais. Revela que o trabalho com texto ainda está voltado para o ensino da gramática; que o cotidiano é o primeiro degrau a ser conquistado na prática de produção textual em sala de aula e as séries iniciais são responsáveis pelos primeiros contatos com o texto.

## ABSTRACT

This work is the result of the research done in the Specialization course in Methodology of the Teaching of the Portuguese Language and it has as central axis the text. It appeared starting from inquietudes concerning the conceptions of the practices of textual production, and the treatment given in the classes of Portuguese Language. It presents discussions concerning the text, reading, language and teaching. With base in the “etnopesquisa”, I looked for to interpret the senses and meanings presents in the students' actions and teachers through interviews, observations of the classes and analysis of the students' texts. The analysis brings the description of the teachers' work, what facilitates the students' writing as well as their difficulties. It brings the discussion on text and grammar, the daily as condition for the practice of textual production and the initial series and the textual practices. It reveals that the work with text is still gone back to the teaching of the grammar; that the daily is the first step to be conquered in practice of textual production in classroom and the initial series are responsible for the first contacts with the text.

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	8
2. Quadro teórico .....	13
3. Metodologia .....	21
4. Análise dos dados .....	24
5. Considerações finais .....	34
Referências.....	37
Anexos .....	38

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

Quando pensamos em texto, pensamos em livros, revistas, jornais e muitos outros materiais gráficos ou não que nos permitem leitura as mais diversas possíveis. Temos então possibilidade de diversificarmos o trabalho com texto na sala de aula, pois mesmo nas cidades menores, situadas nos interiores mais distantes, é possível encontrarmos esses materiais. Talvez em menor escala, no entanto dispomos sempre de algo impresso que pode contribuir para o trabalho com o texto em sala de aula. Apesar da contribuição de disciplinas como a Lingüística Textual que tem como objeto o estudo do texto, ainda há uma grande insatisfação por parte de alunos e professores em relação à leitura e produção de texto feitos na escola, mais precisamente em relação ao trabalho com produção de texto.

Trabalhando com a Língua Portuguesa no ensino médio há quase cinco anos, ouvia sempre dos meus colegas professores do Ensino Fundamental que seus alunos não sabiam escrever com coerência e que isso dificultava o trabalho com Língua Portuguesa. Recebia também esses alunos que saíam do Ensino Fundamental e ingressava no Ensino Médio com essa deficiência. Eles confessavam que não gostavam de escrever e quando faziam era apenas para cumprir uma obrigação exigida pelos professores. Outros assumiam não saber escrever. Isso ocorria com freqüência e em grande número, atrasando todo o processo de trabalho que seria feito no ensino médio com Língua Portuguesa, pois no momento que este aluno deveria estar aperfeiçoando o que ele aprendeu no ensino fundamental ela ainda estaria aprendendo o que já deveria ter adquirido. E muitas vezes terminavam o ensino médio sem as competências de leitura e escrita necessárias, por conta desse processo.

Não devemos negar a importância que a leitura e a produção de texto têm na formação do indivíduo que faz parte do mundo letrado e necessita estar em convívio social. A leitura e a escrita são subsídios básicos para bom desempenho do aluno na sua vida escolar, e na vida social enquanto cidadão. A leitura contribui para uma boa produção de texto. Não se tem argumento sobre aquilo que não se conhece e a leitura é uma das formas de conhecimento de determinadas coisas ou assuntos, podendo a partir dela construirmos argumentos e opiniões.

A partir disso, propus-me a realizar uma pesquisa sobre a prática de produção de texto no ensino fundamental da Escola pública Jeovando Lopes de Almeida em Umburanas<sup>1</sup>, analisando como essa prática é concebida por alunos e professores, e a relação dessas concepções na produção de textos coerentes. Foi em torno disso que circulou o meu questionamento de pesquisa, tendo como objetivos, descobrir as causas que dificultavam e as que auxiliavam as práticas de produção de texto; descrever as dificuldades e facilidades de escrita dos alunos; descrever a metodologia de trabalho dos professores e relacionar as dificuldades e facilidades de escrita dos alunos com a metodologia de trabalho do professor, através da etnopesquisa.

Sabemos que lidar com a produção de texto em sala de aula ainda é um grande entrave para alguns professores que desconhecem estudos que têm sido feitos nas áreas de Psicolinguísticas, da Sociolinguística e da Linguística textual e daqueles que conhecem, mas, no entanto, não têm muito claro como colocá-los em prática em sala de aula.

Muitos professores que trabalham com o ensino de língua não têm a formação necessária para assumir tal função. Seria então isto a causa do direcionamento do trabalho com Língua Portuguesa para o aspecto gramatical?

De acordo com Aparício (1999, p 181):

“O ensino da Língua Portuguesa no Brasil, após todo o movimento de renovação das práticas escolares, desenvolvido há pelo menos duas décadas, com as novas orientações teórico-metodológicas, vinda sobretudo da Linguística, continua sendo alvo de muitas críticas.

Resultado de várias pesquisas (cf. Manoela, 1999; Aparício 1999; Rafael 2001) têm demonstrado que a formação dos professores de Língua Materna, nos cursos de letras, ainda procuram a orientação da Gramática Tradicional. De modo geral, o que se observa é que com a apropriação dos saberes das áreas de estudo da linguagem, passou-se de análise gramatical da frase, descontextualizada para a gramática do texto”.

Os professores, mesmo os que têm a formação específica, têm desprestigiado o texto nas salas de aula e quando usam é com o pretexto de ensinar gramática. Não alcançaram ainda o grau de compreensão que possibilite perceber que o valor do texto está no próprio texto, está no todo.

1 – Cidade pobre, localizada na região noroeste da Bahia. Tem 15 mil habitantes e apenas 18 anos de emancipação política.

O sentido do texto encontra-se em seu conjunto. É a partir do conjunto, que podemos buscar as informações das quais necessitamos. Há dados em um texto que só podemos identificar se trabalharmos com ele na sua totalidade. Fragmentar o texto, transformá-lo em pedaços só vai prejudicar o seu sentido, o texto perde suas conexões e o seu campo semântico fica afetado.

Os professores em geral trabalham com redação escolar e não com produção de textos, estando presos ainda à reprodução de um modelo ultrapassado, onde o aluno escreve para si e sua escrita não tem finalidade nenhuma. Recorrem a tarefas que subestimam a capacidade do aluno como escrever sobre suas férias, por exemplo, ou pedir que fale sobre sua família.

As escolas públicas por sua vez não possibilitam um bom trabalho com produção de texto. O ambiente escolar público não é favorável para o incentivo da leitura e a prática de produção textual. As escolas, na sua maioria, não dispõem de bibliotecas onde o contato com a escrita possa acontecer de forma espontânea e não apenas como uma “obrigação” a ser cumprida. Que os alunos nas suas primeiras experiências textuais, (e estas devem acontecer já no pré-escolar), sejam satisfatórias.

Surgiu então a necessidade de investigação para descobrir as causas que levavam alguns alunos a terminarem o ensino fundamental sem produzir textos coerentes, uma vez que não havia dados sobre este tema na cidade de Umburanas, servindo de subsídios para a prática pedagógica local.

Sempre tive uma preocupação em relação ao ensino de Língua Portuguesa, especialmente como era tratada a produção de texto pelos professores que ministram aulas dessa disciplina, pois trabalhar com texto em sala de aula exige dinamismo e criatividade. E o que vemos são professores que não sabem lidar com essa situação. Os alunos passam pelo pré-escolar e mais oito anos até concluírem o ensino fundamental e chegam ao ensino médio sem as competências necessárias para esta prática.

Esta prática deve ser uma constante no ensino da Língua Portuguesa nas escolas. O trabalho com texto deve estar em todos os momentos da vida escolar, principalmente nas séries do

ensino fundamental, prioritariamente nas séries iniciais, para evitarmos transtornos futuros no ensino médio e até mesmo no ensino fundamental. A linguagem verbal, através do código escrito, está presente na vida do aluno dentro e fora da escola e é necessário que o mesmo saiba lidar com isso, seja lendo, interpretando texto de outros ou produzindo seus próprios textos.

Para Maria Teresa de Freitas (1994) “O homem é ser essencialmente histórico e social que, na sua relação com o outro, em uma atividade prática comum, intermediado pela linguagem se constitui e se desenvolve enquanto sujeito”.

Nas séries iniciais, principalmente na fase de alfabetização (tomando-a como processo), a criança precisa estar cercada de materiais impressos, o que na maioria das vezes não acontece, o livro didático é a única forma de material impresso que o aluno dispõe. E este não deve ser o único meio de contato do aluno com leitura e a escrita.

Sabemos que a criança desde cedo lê o mundo e procura o significado nele para as coisas. Ela chega à escola estimulada a vivenciar a escrita, a descobrir o conteúdo dos livros, a decodificar as mensagens que os outdoors, as propagandas, enfim, que o mundo da comunicação lhe oferece.

Como ser social, a criança está inserida em um grupo, do qual absorve valores. É fundamental, pois, respeitarmos a linguagem praticada por esse grupo, o código verbal que ele utiliza, o universo de experiências e valores que ele possui e passa para os outros.

A criança, através da escrita, tem a possibilidade de reconstruir suas hipóteses sobre o mundo e o professor deverá estimulá-la e compartilhar dessa nova construção do mundo através da escrita. É importante oferecermos condições para a criança não só reconstruir suas concepções, mas ampliá-las. Só dessa forma é possível realizarmos uma aprendizagem significativa e voltada para a formação de indivíduos críticos, autônomos, solidários e independentes.

Conforme diz Lino de Macedo (1994) “a criança já sabe escrever desde o primeiro dia de aula, ainda que este seu saber venha a conhecer muitos aperfeiçoamentos, de modo a se tornar mais legível e publicável para seu autor e para outro”. O professor não deve nunca sentir-se o sabedor e o aluno o que não sabe. Ambos sabem de diferentes formas. O professor de forma mais aperfeiçoada.

Os próximos capítulos trarão um aprofundamento maior para este trabalho, com embasamento das questões discutidas.

O capítulo II, apresenta alguns conceitos acerca de texto, leitura, linguagem e ensino, a partir de alguns teóricos buscando um diálogo mais consistente, visando explicitar melhor o meu objeto de estudo – o texto.

O capítulo III, revela os caminhos trilhados na busca dos dados para a construção deste trabalho, situando a metodologia e os instrumentos de coleta utilizados, os sujeitos envolvidos, assim como o espaço da pesquisa.

O capítulo IV busca, a partir de dados, responder a questão inicial de pesquisa e atender os objetivos propostos através de análise interpretativa do material coletado durante a pesquisa.

O capítulo V traz as conclusões acerca do trabalho que foi proposto.

Espera-se com esse trabalho, contribuir para a prática pedagógica local, favorecendo uma revisão do trabalho com texto em sala de aula. O mesmo servirá de suporte teórico para os professores de Língua Portuguesa, pois não havia nenhum estudo sobre este tema na cidade de Umburanas.

## CAPÍTULO II

### QUADRO TEÓRICO

A educação faz parte da vida do indivíduo, ela o transforma: seus conhecimentos, seus anseios, sua visão do mundo real muda. Por isso, a escola tem o papel relevante na formação do educando e, conseqüentemente, necessita revisão e auto-avaliação para que não se torne um ambiente técnico, mecânico e alienado.

A escola é um dos espaços responsáveis pela boa ou má formação do indivíduo, assim sendo, sua existência não poderá ser desvinculada da realidade sócio-cultural, mesmo que esta seja de controle da classe dominante.

Paulo Freire (2001, 11) ao relatar a educação como forma de intervenção no mundo, afirma que do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvidas de que a educação é uma prática imobilizadora e ocultada de verdades.

Partindo dessa afirmação, a escola tem enorme responsabilidade que implica compromisso, ou seja, a escola precisa trabalhar conteúdos (disciplinas) vinculadas com a realidade social. Isso atinge o ensino de redação na escola, pois este ensino deverá ser que ofereça uma formação crítica ao educando e não um ensino mecânico e descontextualizado.

A escola, em geral, tem realizado um trabalho com texto que prepara o educando para ler e escrever narrações, dissertações e descrições. O aluno é treinado para reproduzir textos modelares, com regras fixas preestabelecidas e numa linguagem escolar distante da realidade. Um trabalho que geralmente leva o aluno a decodificar sem compreender e escrever sem expressividade.

Ler é estabelecer comunicação, com textos, por meio da busca de compreensão, é construir significado a partir do texto. Isso é possível pela interação entre os elementos textuais e os conhecimentos do leitor. Como nos diz Tarcísia Travassos (2003, p 55):

“Para se produzir textos é preciso apropriar-se de um conjunto de capacidades lingüísticas e psicologias com o objetivo de transmitir significados a um leitor de forma adequada. Já para ler textos é necessário também apropriar-se de um conjunto de capacidades lingüísticas e psicológicas que, além de relacionar símbolos e sons, é, principalmente, “um processo de construir sentidos e relações (intertextualidade) e de interpretar texto diversos, dialogicamente, no sentido bakhtiniano, adentrando o dizer do outro” (Costa 2000: 68). Leitura e escrita se completam como um conjunto de práticas sociais que causam efeitos transformadores nos sujeitos que os exercem”.

A leitura e a escrita andam lado a lado. A relação leitor/escritor é uma relação de dependência, a prática de leitura busca formar leitores críticos e, conseqüentemente escritores capazes de se posicionar, agir sobre os textos dos outros, concordando ou não com as idéias ali contidas.

Para Lajolo (1994, p 33):

“É na posição de leitor que se encontram as credenciais mais fortes para quem quer discutir o perfil do indivíduo que, livro aberto nas mãos, no silêncio de sua leitura, pergunta ao escritor, que não pode esquivar-se da resposta, trouxe a chave? Com ou sem chave, leitor e escritor as faces da mesma moeda, não absolutamente as quedas-de-braço em que às vezes ambos se confrontaram”.

O leitor crítico, consciente agirá na busca do reconhecimento de sentido, e nessa busca poderá “bater de frente” com o autor (BAMBERGER: 1993.10). “A boa leitura é uma boa confrontação crítica com o texto e as idéias do autor”.

Não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando as palavras, pois ler vai além do que está escrito podendo surgir uma nova escrita. Desta forma, compete a escola mudar sua postura, buscando um melhor direcionamento na ação pedagógica, iniciando-se a partir da utilização de textos significativos para os alunos. Assim a produção ficará mais fácil e o aluno terá uma visão crítica da realidade, levando-o a condição de sujeito com senso crítico capaz de transformar e construir uma nova ordem social, através das suas produções, dos seus textos, de uma nova escrita. Segundo Geraldi (1999, p 64):

“O exercício da redação na escola tem sido um martírio não só para os professores. Os temas propostos têm se repetido de ano para ano e o aluno que for suficientemente vivo perceberá isso. Se quiser, poderá guardar redações feitas na quinta série para entregá-las ao professor da sexta série na época oportuna”.

Escrever, em última análise, é colocar idéias no papel, de forma organizada. O ato de escrever deve ser entendido como etapa final de um longo processo de comunicação e de acesso a

informações, seja vivenciando experiência, conversando ou lendo. Mas terá que ser uma leitura interativa em que o texto atua sobre o leitor e o leitor atua sobre o texto, ampliando sua visão de mundo e atribuindo significado ao texto lido.

Entendo que texto é uma unidade sócio-comunicativa perceptível e interpretável e o leitor/ouvinte usa o seu conhecimento prévio para adquirir vivência no contato. O desempenho de um leitor depende da visão de mundo que este tem e dos conhecimentos adquiridos antes do contato com o texto. A ênfase dada ao uso correto das técnicas de produções de textos fornecidos pela escola é algo de grande importância para o desempenho dessa arte pelos alunos que, conseqüentemente, utilizarão na sociedade, podendo até destacar-se socialmente, pois a escrita possibilita isso. Através dela podemos adquirir ascensão social. Através do que pensamos, das nossas idéias, somos capazes de convencer. É o caso de alguns concursos e do vestibular que julgam os candidatos pelas idéias registradas através da escrita sobre um determinado tema. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (1999, p. 139) “As expressões humanas incorporam todas as linguagens, mas para efeito didático a linguagem verbal será o material de reflexão, já que, para o professor de Língua Materna, ela é prioritária como instrumento de trabalho”.

Até pouco tempo atrás, o ensino de Língua Portuguesa encontrava-se nos pontos gramaticais, trabalho esse apoiado em uma concepção estruturalista. Os livros didáticos refletiam essa tendência ao tratar o ensino gramatical como único conteúdo do ensino de língua, e não como instrumento de apoio para a prática de produção e compreensão de textos. Ao contrário, os textos é que constituíam meros pretextos para a discussão de aspectos gramaticais.

O ensino da Língua Portuguesa tem sofrido mudanças (ainda pequenas) por influência da Lingüística do discurso que em meados dos anos 80 atuou em nosso meio com a proposta de que o texto, em sua íntegra, constitui substancialmente a unidade significativa da língua. Propõe privilegiar a funcionalidade da língua e inclui em um plano de igualdade a linguagem oral e a escrita e todos os gêneros discursivos, considerando a língua como um meio prioritário de inserção social do sujeito.

É através da linguagem que interagimos na sociedade. A língua tem a função sociointeracionista. Mais do que uma representação do pensamento ou um instrumento de comunicação, entendo a linguagem como o produto da interação do sujeito com o mundo e com os outros. Nesse sentido, linguagem e sociedade são realidades indissociáveis: de um lado, é a linguagem que possibilita ao homem apreender o mundo e posicionar-se criticamente perante aos outros. Por outro lado, são atividades sociais e históricas dos homens que geram a linguagem, suas renovações e alterações. É no espaço social que a linguagem garante sua própria existência e significação.

Quando escrevemos (produzimos um texto), o que dizemos e o que revelamos através dos textos trazem implícito uma construção histórica que demandam as seguintes questões: Onde apreendemos tais idéias? Como as apreendemos?

Percebe-se então a língua como sistema de signos histórico-social que permitem ao homem a (re)construção da realidade. Assim, apropriar-se da língua é também aprender seus significados culturais.

O texto é um dos meios pelo qual através das práticas de linguagem verbal, podemos explicitar essa apreensão de significados adquiridos historicamente na interação social, através de mediações comunicativas.

Conceber o texto como uma unidade de ensino/aprendizagem é entendê-lo como um lugar de entrada para o diálogo com outros textos que remetem a textos passados e que farão surgir textos futuros. Conceber o aluno como produtos de textos é concebê-lo como participante ativo deste diálogo contínuo: Com texto e com leitores.

O texto é a expressão de idéias, sentimentos e experiências internalizadas. A escrita de um texto manifesta o conteúdo que está na mente do aluno, ou seja, dá forma as idéias, torna-as visíveis. É, portanto, o resultado do processo de transformação de um significado em forma.

Um trabalho de linguagem deve levar em consideração que comunicar oralmente ou por escrito pode e deve ser ensinado sistematicamente, isto é, pode-se fazer uma seqüência de atividades com o objetivo de ensinar uma prática de linguagem. Essas atividades oferecem oportunidades para que o aluno vá aos poucos se apropriando das características do texto, aproximando-se do uso adequado em situações reais de produção.

A escrita constitui uma prática social de toda a sociedade letrada. O aprendizado da mesma ocorre através de processo formal, e está presente na sociedade, ganhando conotação de necessária ao homem moderno e é vista como vantagem para aquele que adquire e a domina.

Sem desprestigiar nenhum outro tipo de linguagem, a linguagem escrita padrão é a mais aceita na sociedade. Ela circula nos livros, nas revistas, nos jornais, nos órgãos representativos do poder, nos tribunais, etc... Sabemos que há variedades lingüísticas. Essas variações são “aceitas” no nível de linguagem oral. No entanto, quando partimos para a linguagem escrita há uma exigência ou até uma necessidade de usarmos a escrita padrão. Pois, quem não conhece a linguagem escrita padrão, por não ter tido acesso, vai ter dificuldade em receber uma informação contida nesse tipo de linguagem, principalmente se nessa linguagem houver palavras que não fazem parte do vocabulário desse indivíduo. E se for preciso passar uma informação terá mais dificuldades ainda. Imagine alguém que não domina a escrita padrão sendo solicitado a produzir um texto, como requisito para admissão trabalhista. Ao revelar a sua escrita, se o emprego exigir do empregado escrever, este portanto já estará desclassificado. A linguagem, nesse sentido, é excludente como afirma Gnerre (1998, p 23):

“A função central de todas as linguagens especiais é social: elas tem um real valor comunicativo mas excluem da comunicação as pessoas da comunidade lingüística externa do grupo que usa a linguagem especial e por outro lado, tem função de reafirmar a identidade dos integrantes do grupo reduzido que tem acesso a linguagem especial.

A função de comunicação secreta (defesa do ambiente externo) e de conservações de noções e tecnologias das quais o grupo mais restrito é portador é estritamente associado a função central das linguagens especiais”.

A escola é responsável muitas vezes por estar “formando” cidadãos que “tiveram acesso” a escrita padrão e saíram dela sem adquiri-la nem dominá-la. A escola tem a função de formar cidadãos críticos que possam atuar na sociedade de forma consciente.

O ensino e principalmente o de Língua Portuguesa onde trabalha-se com linguagens, exige diagnóstico, para não cair na mesmice de ensinar o que o outro já sabe. O ensino só terá sentido se o aprendiz descobre coisas novas. O aluno “domina” um determinado tipo de linguagem? Ótimo. Possibilite a ele agora, a aquisição de outras linguagens, inclusive a padrão dando a ele o acesso às várias instâncias ou grupos sociais onde o mesmo possa entender e ser entendido através da linguagem.

Aprender a língua é mais do que aprender as palavras, seus significados isolados e suas combinações, mas é apreender os significados que são construídos na interação verbal, no contexto específico. A língua, portanto, muda sempre, ela é dinâmica. É a prática de linguagem, enquanto discurso, enquanto produção social que dá vida à língua, posta a serviço da comunicação. O sujeito apreende a realidade e (re)constrói, dando sentido a partir da relação social com os objetos dessa realidade, com o outro, e toda essa relação está permeada pela linguagem. É no social que a linguagem é construída e é através da mesma que se dá a construção do conhecimento.

Para Bakhtin (1985) o diálogo permeia tudo. Está na base de todas as relações humanas. Não é possível construir conhecimento sem ter como referência o outro. No trabalho com texto é o diálogo entre leitor e autor que permeia essa relação. O leitor atua como condição de produção para o autor, é pensando no outro, geralmente que nasce uma nova escrita. Este autor também ao ser lido pode servir de condição de produção. A partir da escrita do outro, o leitor, busca no diálogo com o autor, compreender os sentidos impregnados no texto, para a partir dessa compreensão gerar um novo conhecimento que pode ser um novo texto.

Todo autor, portanto, deseja ser lido, espera que seu texto seja publicado (levado a público), senão o seu texto não terá nenhuma função.

Segundo Umberto Eco (s.d. p 100):

“Todo artista aspira a ser lido. Não existe correspondência particular de um artista que consideramos experimental (de Joyce Montale) que não mostre como aquele autor, mesmo quando sabia que ia contra o horizonte de expectativas de seu próprio leitor comum e atual, aspirava formar um futuro leitor particular, capaz de entendê-lo e de saboreá-lo, sinal de que estava orquestrando a sua obra como sistema de

instruções para um leitor modelo que estivesse em condições de compreendê-lo e amá-lo”.

Assim, as atividades de produção textual são uma continuidade do ato de ler, pois escrever é um processo de construção e reconstrução de sentidos em relação ao que se vê, se ouve, sente e pensa. Por isso é muito difícil escrever sobre um assunto sobre o qual não se fez nenhuma leitura.

Os textos são resultados de processos interlocutores e trazem neles as marcas dos sujeitos envolvidos nesse processo e suas características são diferentes, pois são produzidos em processos históricos diferentes. São vivências diferentes, por isso o texto que resultará dessas vivências será diferente.

Na relação ensino/aprendizagem, o diálogo é que oferece a possibilidade de construção de conhecimento, é o facilitador do trabalho no processo de ensino. As práticas de ensino das escolas públicas têm privilegiado o monólogo, onde apenas o professor se apresenta como depositário de conteúdo. É o que Paulo Freire (1991) chama de “educação bancária”. O aluno recebe a carga de conteúdo e tem que devolver tal qual recebeu. Para haver ensino/aprendizagem é necessário que o conteúdo apresentado seja transformado em conhecimento novo, que o respeito à participação seja um dos princípios de sala de aula, onde o aluno seja ativo sujeito da linguagem, onde na interação com o outro numa relação sóciointeracionista aconteça uma aprendizagem. Que a linguagem favoreça a troca de experiências culturais e de histórias de vida, onde cada indivíduo possa por meio da interlocução revelar suas possibilidades e anseios.

Sabemos que os alunos não aprendem apenas o nosso ensinamento, há uma série de outros ensinamentos que são incorporados por eles, nos mais variados grupos sociais com os quais eles interagem. Posso afirmar que nesse ciclo de ensinamentos e aprendizagens eles também têm muito a nos ensinar. Neste sentido vem da sociedade e volta para a sociedade. O contexto social nos ensina. Temos aí a possibilidade de transformação da sociedade através do ensino. Num ensino voltado para a interação numa relação dialógica, não se afirma, questiona-se. O ensino objetiva alargar as possibilidades no convívio social. Por isso deve ser contextualizado,

buscar no mundo, na leitura que fazemos dele, relação dos conteúdos abordados com o conteúdo social.

### CAPÍTULO III METODOLOGIA

Faz-se necessário questionar, refletir a prática de produção de texto dos alunos do Centro Educacional Jeovando Lopes de Almeida, escola do ensino fundamental de Umburanas, pois em Umburanas os alunos da mesma apresenta dificuldades para escrever. A escola citada é uma escola de porte médio, freqüentada por alunos de classe baixa da zona rural e urbana. Para descobrir as causas que dificultam e as que facilitam as práticas de produção de texto, foi necessário percorrer caminhos que serão traçados mais adiante.

Qual caminho percorrer, então, se nessa prática estão envolvidos diferentes sujeitos? Tratando-se de pesquisa qualitativa, busquei-me enveredar-me pelos caminhos da etnopesquisa que nos leva ao estudo de um povo e sua cultura e para ela, os seres humanos constroem realidades dando sentidos e significados a esta realidade e são também seres conceituais e em todas as suas ações há sentido e significado.

Na etnopesquisa, para estudar uma cultura é necessário que o etnopesquisador sinta-se parte dessa cultura, pois aqui o saber é dialético e dialógico e para percebermos isso é preciso observarmos os fenômenos sociais que ocorrem nos espaços dessa cultura.

Como professor da escola onde a pesquisa aconteceu, estando no meio pesquisado, investigando as ações e interpretando os sentidos e as relações que haviam nas ações, facilitou-me a dialogicidade dos fatos e permitiu maior interação com os atores sociais pesquisados.

Para Buford Junker (1960, p. 165):

“O trabalho de campo significa observar pessoas, in situ, é descobrir onde estão, permanecer com elas em uma situação que, sendo por elas aceitável permite tanto a observação íntima de certos aspectos do seu comportamento, como descrevê-lo de forma útil para a ciência social, sem prejuízo para as pessoas observadas”.

Como os objetivos da minha pesquisa giravam em torno da descrição dos fatos e da relação desses fatos e para a etnopesquisa descrever para compreender é questionar as ações e

expressões buscando os significados das mesmas, fui buscar as ações no momento que observei as aulas de produção de texto, e expressões quando entrevistei professor de Língua Portuguesa e alunos do ensino fundamental, onde fenômenos e eventos surgiram, sendo descritos no capítulo seguinte.

Segundo MACEDO (2000, p 44): “Ao estudar a realidade, o pesquisador, inspirado na fenomenologia, precisa ir às coisas, analisar contextual e interpretativamente, recomendação clássica dos etnopsiquisadores de ir a campo ver para compreender de forma situada”.

É estar presente, é ver os fenômenos acontecendo e poder descrevê-los naquele contexto específico, pois, deverá ter um motivo específico para acontecer em determinado espaço e de forma particular. Os fenômenos sociais devem ser bem interpretados, pois levando em consideração o dinamismo do contexto, já que esse contexto é construído por pessoas e tudo o que se faz tem um sentido para o quem o faz. O fato constatado para o etnopsiquisador o deixa inquieto e só há contentamento quando o mesmo consegue interpretar os sentidos que se relacionam. Ele está sempre querendo saber como o concreto está sendo construído.

Havia algo concreto na minha frente que era o fato dos alunos chegarem ao ensino médio sem escreverem textos coerentes. Para descobrir como os envolvidos nesse processo concebiam a prática de produção de texto, qual a relação dessas concepções na produção de textos coerentes, foram percorridos os seguintes caminhos: entrevistas com alunos e professores, observação das aulas de produção textual, metodologia de trabalho do professor e análise da escrita dos alunos.

Em relação às entrevistas com alunos do ensino fundamental e os professores de Língua Portuguesa, todos se mostraram disponíveis para informar, no entanto houve resistência, quando solicitado o espaço da aula para observações. O que possibilitou o acesso à sala foi o fato que todos já me conheciam enquanto colegas de trabalho e esclarecer para os envolvidos a pertinência da pesquisa e que esta poderia ajudar numa prática pedagógica futura naquela escola.

A escolha do Centro Educacional Jeovando Lopes de Almeida em Umburanas deu-se por ser um espaço onde eu presenciava a aflição de alunos e professores em relação ao texto, era também a minha realidade e ali se concretizava aquilo que me angustiava.

Foram relacionados seis professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental regular e oito alunos também do Ensino Fundamental regular, sendo dois da quinta série, dois da sexta série, dois da sétima série e dois da oitava série.

A escolha dos alunos foi feita de forma aleatória, sem atender a nenhum tipo de sugestão. No pátio da escola, numa roda de conversa, era feita a proposta de uma entrevista e geralmente alguém se prontificava a responder as perguntas, sempre curioso querendo saber do que se tratava. Alguns desistiam depois de saberem. O motivo da desistência não era exposto. A escolha dos professores foi feita observando os que trabalhavam apenas com o ensino fundamental e com as classes regulares.

Os textos produzidos pelos alunos e analisados por mim foram requisitados aos professores de Língua Portuguesa que após suas aulas de produção textual traziam para mim, todos os textos da turma que separei alguns, da quinta a oitava série para o meu trabalho de análise. Foram separados dez textos de cada série.

Com relação às observações feitas às aulas de produção de texto, numa primeira etapa foi observada apenas uma aula de cada professor, devido a resistências inicial. Detectado então a insuficiência de dados a partir deste instrumento, voltei a campo num segundo momento, onde após uma conversa com eles, foi possível fazer outras observações durante três semanas. Estas, portanto somam quatro horas/aula de cada professor e pôde dar um volume maior de material. As entrevistas foram gravadas em fitas cassete e transcritas posteriormente.

O processo da coleta de dados foi um processo tranqüilo, colaborativo da parte dos envolvidos, confirmado um vínculo afetivo que já havia entre as partes, tornando o trabalho bastante agradável.

## CAPÍTULO IV

### ANÁLISE DOS DADOS

O texto é algo presente nas aulas de Língua Portuguesa. A forma como encaramos o texto é que muda. As práticas de produção textual são concebidas de forma diferente por alunos e professores.

No trabalho com texto em sala de aula existe uma série de “coisas” além da gramática que poderão ser trabalhados. O texto usado para outros fins. Dentre as finalidades do texto, podemos destacar: o acesso à leitura; o pretexto para a escrita de um novo texto; a compreensão do mundo letrado através dos textos; a formação do indivíduo crítico, consciente do papel de cidadão, ou seja, o texto como instrumento da cidadania; a formação de leitores e escritores; o texto como expressão de sentimento e pensamento; a ressignificação através dos textos, da escrita.

### O TEXTO E A GRAMÁTICA

Há uma preocupação visível entre os professores de Língua Portuguesa em não se tornarem professores “gramatiquinhos”. Ensinar gramática, pura e simplesmente gramática é algo que não tem agradado atualmente. Considerado isso, um ensino descontextualizado e sem efeito, o ensino de gramática tem migrado para dentro do texto. Aí surge um outro problema. O texto passa a ser pretexto para o ensino de gramática e o estudo de texto passa a ser estudo gramatical. Entendo que o ensino da gramática e o estudo descontextualizado tornam-se um ensino mecânico e fragmentado; que a análise gramatical através de textos, que levem a reflexão sobre os vários assuntos gramaticais a partir da exploração dos sentidos adquiridos pelas palavras em determinado contexto ajuda melhor compreender a estrutura da língua e, conseqüentemente, o acesso à norma culta.

A função do texto não é servir apenas de suporte para a atuação da gramática. O texto não está a serviço da gramática. Esta sim, está a serviço do texto.

Sírio Possenti (1990, p 38) “Do ponto de vista da historia das línguas e das gramáticas, sabe-se que são as gramáticas que consultam os escritores para ver que regras eles seguem e não os escritores que consultam os gramáticos para ver as regras que devem seguir. (Pág. 38).

O trabalho de gramática é tão intenso que até os textos produzidos pelos alunos tem a finalidade de trabalhar a gramática. Podemos ver isso na fala da professora C, que ao ser questionada se trabalhava com texto em suas aulas responde:

“Trabalho, tanto com texto de outras pessoas como também já fiz trabalhos com textos deles próprios, para refletir o assunto gramatical que eu estava trabalhando em sala de aula”.

O trabalho com texto recai sobre o trabalho com gramática. Aqui o aluno pode pensar que a função dessa escrita é revelar se ele sabe ou não gramática, dificultando a prática de produção textual na sala de aula.

O trabalho com Língua Portuguesa é para alguns professores um trabalho com gramática. É ensinar a língua padrão, ou seja, a estrutura da língua. E para os alunos, há uma identificação com a gramática por ser prática constante no dia-a-dia da sala de aula como declara a professora A.

“Eu creio que... eu creio que no momento eles ainda estão é... muito apegados ainda à questão da gramática, quando eu vou trabalhar gramática eles sempre gostam mais do que texto”.

Sendo a gramática presença constante na sala de aula, mesmo sem compreender o aluno vai reconhecer e vai aceitar. Não vai causar nenhuma estranheza. A resistência ao texto é muito mais pelos exercícios mecânicos que se fazem e pela carência dessa prática no cotidiano escolar.

Ensinar Língua Portuguesa é ensinar linguagem. É possibilitar ao usuário da língua a utilização do código oral ou escrito nas suas variadas manifestações. É dar a ele a capacidade de lidar com as variedades lingüísticas sem dificuldades. Reduzir o ensino de língua ao ensino de normas é limitar o potencial lingüístico do aluno.

Ao pedir que a professora B revelasse a sua concepção de linguagem e ensino de língua, a mesma revela:

“A linguagem eu acredito ser livre, aberta. Aquela que eles adquirem no convívio social. O ensino de língua é um trabalho mais completo, pois vem as normas e as exigências do português padrão”.

Não são as normas e as exigências do português padrão que dão completude ao ensino da língua. A norma é apenas um aspecto da língua. O português padrão é apenas mais uma das modalidades da língua. A linguagem faz parte do convívio social, mas também pode ser aprendida na sala de aula. Pode-se aprender a lidar com a diversidade de linguagem que nos deparamos no convívio social.

A linguagem escrita manifesta-se através dos textos e estes podem e devem ser aprendidos na escola. Num trabalho de linguagem cuja base é o texto, pois só ele tem significado, o objetivo é à busca de informações e o exercício da reflexão. O texto deixa de ser um conjunto de regras a serem aprendidas para tornar-se algo que se usa socialmente em ações efetivas do cotidiano. É a língua em uso.

O ensino de língua Portuguesa na escola tem como objetivo desenvolver competência comunicativa natural do aluno, ampliando sua capacidade de comunicação, expressão e integração social pela linguagem.

Como podemos propiciar isto? Centrando o ensino de língua apenas na norma, supervalorizando o trabalho com gramática e ortografia? Ou priorizando a capacidade de interpretar textos que circulam no mundo real e de produzir textos adequados as diferentes situações? Essas capacidades devem ser desenvolvidas na escola para que não se esgote nela, mas ao contrário, seja utilizada além da vida escolar, incorporando ao cotidiano e as necessidades pessoais do indivíduo.

Que o trabalho com texto não seja reduzido ao que diz a professora A, em relação ao seu trabalho com texto em sala de aula.

“Sempre trabalho com produção de texto. E sempre, é claro a gente sempre vai fazer um trabalho de... de ortografia, de gramática... vamos corrigir isso, corrigir aquilo, sempre buscando a coerência de idéias”.

Como dar coerência às idéias se o trabalho feito em sala de aula, chamado de produção textual da mesma professora procede em: comunicar aos alunos que o tema da unidade a ser trabalhado na escola é drogas, e que os mesmos façam um texto de no mínimo quinze linhas dizendo o que acham das drogas. Não foi feita nenhuma leitura prévia sobre o tipo de texto solicitado. O fato de a escola estar localizada num município onde há tráfico de droga merecia uma maior atenção, pois era do contexto local. Vejamos um dos resultados dessa prática:

#### As droga

As droga é ruim prá quem fuma,  
Droga é uma droga.  
O rio do Murin<sup>2</sup> é quem dá as droga ao povo que fuma e compra prá fumá  
Quem vende droga é traficante.

(J.S.B., 7ª série)

O aluno além de não atender as exigências da professora com relação ao total de linhas solicitado, o texto dele não acrescenta nada às informações já conhecidas, não há nada de novo no texto do aluno. O aluno não teve o suporte necessário à atividade proposta. O que dificulta a realização da mesma.

O tratamento dado às aulas de produção de texto fica a quem do esperado. As produções feitas são descontextualizadas. O aluno escreve sem ter conhecimento prévio do assunto sobre o qual está escrevendo. Não há discussão a respeito do tema proposto. Os textos são trabalhados com finalidades gramaticais. Os professores antecipam suas interpretações, impedindo o aluno de pensar mais além. A escrita não é socializada, perdendo sua função restringindo o texto produzido à correção feita pelo professor.

2- Rio Temporário que corta o município de Umburanas e suas margens são utilizadas para o cultivo de maconha.

## O COTIDIANO COMO CONDIÇÃO PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL.

Todos os dias, nos deparamos com as mais diversas situações. No nosso convívio social, estamos a todo tempo nos envolvendo nessas situações. São situações corriqueiras e que na maioria das vezes passam despercebidas, não damos muita importância. O fato é que essas situações fazem parte da vida, elas estão aí esquecidas. No entanto, costumam aparecer em forma de texto dos alunos de ensino fundamental do Centro Educacional Jeovando Lopes de Almeida em Umburanas, como revela a professora C, quando perguntei se seus alunos revelavam alguma preferência por tema ou assunto na hora de escrever.

“Por temas... eu acho que na realidade eles revelam mais interesse até por tipos de texto, pelo texto narrativo que eu acho que é mais fácil para ele. E aí quando eles se prendem a fazer textos narrativos, eles acabam selecionando os temas cotidianos, os fatos que eles vivem no dia-a-dia, histórias próprias é o que mais acontece no texto, relatar fatos que acontecem com eles mesmos. Eles pouco se propõem a analisar a situações do país, é mais só o que acontece com eles mesmos e com os colegas que estão se relacionando todo dia”.

Escrever sobre o cotidiano, sobre suas ações no dia-a-dia, dá segurança ao aluno, pois este está “enfrentando” algo que ele domina. Domina porque ele conhece e teve a oportunidade de conhecer. O universo do outro e a situação do país são coisas que precisam ser explorados, que precisam ser conhecidas.

As histórias cotidianas surgem, como escape para alunos que não tem um vasto conhecimento sobre outras coisas, que lhes permitam condições de segurança para falar sobre as mesmas. Esta insegurança dificulta as práticas textuais que não revelem o cotidiano.

Ainda sobre as preferências dos alunos na hora de escrever a professora D completa:

“É eles gostam muito de falar sobre a vida pessoal. O mundo onde eles vivem”.

Claro, o que eles mais conhecem do que a eles mesmos e ao mundo que os cercam? Seus textos, refletem aquilo que eles têm de conhecimento. Aqui surge uma questão bastante interessante. Através da leitura é possível adquirirmos conhecimento sobre as coisas que estão distantes de nós, além de aperfeiçoarmos o nosso conhecimento sobre as que nos cercam.

Estão, falta leitura diversificada para esses alunos? Ou as leituras oferecidas pela escola não são atrativas e eles preferem não ler? A falta de leitura causa insegurança, prejudicando o processo de produção textual.

Costuma-se dizer entre os professores que os alunos não gostam de ler nem de escrever. Alguém já perguntou aos alunos se eles gostam de ler e de escrever? Se gosta, o que gosta de escrever? Se não gosta, porque não gosta?

O aluno D.B. da 8ª série ao ser questionado sobre o que menos gostava nas aulas de Língua Portuguesa, desabafa:

“Das aulas de Produção de texto. A professora pega no pé demais e aí... é... aí eu fico com medo de fazer e ela dizer que está tudo errado, por isso eu não gosto de estudar texto e nem de fazer”.

Perguntei como eram as aulas de produção de texto na sua sala e ele responde:

“Ela chega na sala, manda a gente escrever sobre um assunto e sempre pede pra gente encontrar no texto que a gente fez umas frases coordenadas... e... fica difícil”.

A escrita não é vista como algo presente no dia-a-dia. A prática de produção de texto está presa a prática gramatical. O aluno não vê a escrita como algo livre necessário, uma atividade comum e rotineira. É vista como algo obrigatório e que necessariamente deverá obedecer a critérios estabelecidos pelo professor como o emprego de orações coordenadas (o aluno as chamam de frases) ele fica impossibilitado de escrever. Talvez, sem tal exigência ele escrevesse. O medo de “errar”, de não ter no seu texto aquilo que a professora quer dificulta a escrita. E mesmo querendo escrever ele assume que não gosta. Não gosta de escrever do jeito da professora, do jeito dele ele escreve. Quando digo do jeito dele é escrever sobre coisas significativas para ele.

Vejamos após insistir perguntando se não havia nenhum assunto que ele gosta nas aulas de português:

“Eu gosto de ler... e... leio revistas, livros de aventuras, vejo filme que isso ajuda a interpretar texto, se fosse escrever sobre essas coisas eu gostava”.

Esse aluno, com esse nível de leitura e com essa consciência sobre interpretação de texto, gosta de ler e sabe porque ler. Diz num primeiro momento que não gosta de escrever depois assume que se fosse para escrever sobre aquilo que ele conhece, escreveria. O que este aluno ainda não entendeu é porque ele precisa produzir textos sobre assuntos que não são do seu interesse e o modelo de texto tem que ser o adotado pela professora. Não dá para haver uma negociação? É claro que o aluno não vai ficar o tempo todo escrevendo o que ele quiser e do jeito que quiser. Existem certas regras e características textuais que devem ser respeitadas. Ele necessita de ampliar seus conhecimentos, tanto da parte estrutural do texto, quanto das partes dos assuntos a serem abordados. O que facilita a escrita do aluno é começar valorizando aquilo que ele já sabe, já conhece, que tem significado e ampliar gradualmente, ao invés de começar daquilo que ele não sabe.

Sendo assim o exercício de leitura é fundamental. Ele só escreve sobre o espaço onde ele atua, devido às leituras que ele faz e fez desse espaço e dos episódios que se desenrola no contexto. Ele precisa viajar por outras realidades através da leitura, senão ficará estacionado repetindo sempre as mesmas coisas.

O aluno escreve sobre algo que é presente na vida. Outros assuntos fazendo parte da vida diária através da leitura, poderá desencadear o gosto pela produção de texto sobre tais assuntos. O fato de não escrever não significa que ele não goste. Ele apenas não teve informações que possibilite formar idéias.

Em relação às idéias, vejamos o que diz a professora A:

“A maior dificuldade na hora de escrever é arrumar as idéias, há muito erro ortográfico. Quando eles vão escrever eles não conseguem dar coerência as idéias, fica tudo muito solto”.

Antes de se arrumar as idéias, primeiro é preciso ter idéias e colocá-las no papel. E elas não brotam de uma hora para outra. É preciso cultivá-las através da leitura.

O aluno ainda não se deu conta que, aquilo que ele produz é dele e não do professor. As práticas de produção textual para os alunos são para satisfazer o professor. Para o cumprimento da disciplina de Língua Portuguesa. O aluno se distancia do texto produzido, a ponto de não colocar no papel as suas idéias, mas o que ele pensa que o professor gostaria que ele fizesse. Como diz a aluna M.V (6ª série).

“Detesto produzir texto, mas sempre que a professora pede, eu faço o texto dela, ela recebe, dá a nota e eu passo”.

A concepção de que o texto não é seu traz consigo a falta de preocupação com a sua estrutura. O resultado são frases soltas no lugar do texto. Além de conceber o texto como sendo do professor, o aluno vê no texto a possibilidade de recompensa, ou seja, uma nota por aquilo que ele fez. O texto é concebido nesse sentido como algo vantajoso para aquele que o produz, tornando-o “obrigatório”, pois sem ele não há recompensa. Mesmo que sua produção não apresente coerência.

O professor costuma divorciar o aluno das suas escolhas. A produção de texto é pensada exterior ao aluno. Suas escolhas são alheias às preferências dos alunos. O professor toma para si toda responsabilidade dessa escolha. Com essa atitude, corre-se o risco de relacionarmos assuntos da nossa preferência, que seja significativa para nós, levando o aluno a pensar no texto como sendo “do professor”.

O aluno lê e escreve aquilo que é do seu interesse e quase sempre fica em segundo plano na hora do professor escolher os assuntos a serem trabalhados em sala de aula.

É claro que o “comando” é do professor. Cabe a ele dar ao aluno a oportunidade de participarem na construção desse conhecimento. É uma negociação que mediada pelo professor vai desmistificar que os alunos não gostam de ler nem de escrever. Assim, os mesmos sentirão responsáveis pela atividade desenvolvida, possibilitando facilidade na prática de produção textual.

Isso ainda não acontece porque os professores não levam em conta as preferências dos alunos nas práticas de produção textual. Eles concebem o texto apenas como lugar de exposição de idéias e de comunicação como diz a professora A:

“É no texto que o aluno expõe suas idéias... onde ele pode comunicar algo que deseja expor para outra pessoa”.

O texto é também o lugar de interação, de diálogo, de troca de experiências entre leitores.

Através dele “viajamos”, saímos do cotidiano local e adentramos outros espaços.

### AS SÉRIES INICIAIS E AS PRÁTICAS TEXTUAIS

Durante todo o processo de alfabetização é necessário que já se proponha aos alunos atividades de análise lingüística, dando oportunidade para que eles elaborem, exteriorizem e reformulem concepções em relação a linguagem oral e escrita.

Alguns professores têm percebido que isso não tem acontecido durante o processo de alfabetização e tem atribuído as dificuldades de escrita, o pouco interesse pela escrita ao trabalho feito nas séries iniciais.

Vejamos o que diz o professor E:

“Hoje, há pouco interesse em relação à escrita. Falta vontade, prazer em produzir texto. Mas isso é da própria formação das... das séries iniciais que não foram incentivados a escrever, a se interessar pela escrita. Isso é importante o professor incentivar, principalmente na alfabetização”.

A criança, ao chegar na escola, no seu primeiro contato, ainda não tem domínio das letras para produzir textos escritos, porém ela lê o mundo, as pessoas e os objetos à sua volta a sua maneira e produz textos orais. Sabemos que ela passa por processos cognitivos em que suas concepções acerca da leitura e da escrita mudam de acordo com a evolução psicogenética. Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1991) afirmam que as concepções e hipóteses vão se modificando a partir de atividade feitas com materiais impressos que possibilite a criança o contato direto com a leitura e a escrita. Nesse sentido o trabalho com textos na alfabetização deve ser intenso e diversificado.

Incentivar a escrita, despertar o interesse do aluno para a prática de produção, é de responsabilidade, tanto de quem alfabetiza, quanto de quem trabalha nas séries posteriores ao processo de alfabetização. É possível reconstruir conceitos num processo de aprendizagem. O aluno que chega na quinta série, por exemplo, sem interesse com relação a escrita, não significa que ele vá continuar com a falta de interesse durante todos os anos de escola que lhe resta. Cabe ao professor ressignificar aquilo que ele detecta como “falha” no processo de alfabetização. Outra questão que deixa os professores de quinta a oitava série preocupados é com relação à ortografia. Observem na fala da professora C:

“Uma das dificuldades dos alunos é a ortografia, a grafia correta das palavras. Isso, eu acredito que já vem desde o ensino de 1ª a 4ª série”.

Acredito que não se usam mais o “método” de correção ortográfica, em que o aluno não podia cometer um erro senão era penalizado a escrever várias vezes a mesma palavra. Sabemos que o “erro” faz parte do processo de aquisição do conhecimento. Temos na nossa língua um número grande de palavras, que o aluno principalmente nas séries iniciais ainda não foi apresentado à maioria delas. Reconhecemos que é importante grafar corretamente as palavras e que deve ser feito em todas as séries, no entanto o ensino ortográfico não pode constituir a maior preocupação do professor. Este é um aprendizado que vai acontecer durante toda a vida do indivíduo, dúvidas vão surgir sempre. E de nada adianta as correções sem um trabalho de leitura que priorize as dificuldades ortográficas.

O processo de alfabetização é um processo de descoberta de forma de representações alfabéticas da língua escrita. Esse processo não acontece no mesmo ritmo e da mesma forma com todos os alunos. Alguns podem concluir esse processo nas séries iniciais e outros poderão levar para as séries seguintes às quatro primeiras séries do ensino fundamental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É um desafio muito grande formar leitores e produtores de texto. Por isso, na minha investigação, considere a postura pedagógica do professor como um dos fatores determinantes na prática de produção textual em sala de aula. É de suma importância a postura do professor face a isso.

A prática de produção textual não deve estar desvinculada da prática de leitura, pois esta tem como finalidade a formação de leitores, e conseqüentemente, a formação de escritores, pois a mesma nos possibilita agir em textos de outros para posicionarmos com os nossos, seja contra ou a favor da idéia ali contida. Não podemos então separar leitores de escritores, como se ambos fossem grupos distintos que nada tem a ver um com o outro.

A escola deve atentar para um trabalho que objetive o gosto pela leitura e escrita. Observa-se que em relação a filmes, músicas, esportes, cada indivíduo consegue naturalmente formar seu gosto. Não será por que nada lhe é cobrado? Então por que não fazer o mesmo com a leitura? A saída é deixar o leitor à vontade, selecionar obras que sejam próximas da sua realidade e quebrar a obrigatoriedade da leitura. Ler determinado livro, ou escrever sobre determinado assunto solicitado pelo professor, pode não corresponder as expectativas do leitor-escritor em formação. E mais, o professor deve ser leitor assíduo.

A possibilidade de um maior contato com a leitura desencadeará conseqüentemente, na prática de produção de texto, desmistificando que escrever é difícil. O afastamento dessa prática só traz prejuízos aos estudantes de Língua Portuguesa do ensino fundamental, que ao deparar-se com a mesma num grau de ensino maior sentirá estranheza e assumirá que não gosta ou não sabe escrever.

As práticas de produção textual voltadas apenas, para o ensino da gramática e com temas que eles desconhecem são desestimulantes, e castradoras. O medo de errar, desencadeia o repúdio às produções textuais feitas pelo professor.

É mais fácil começar por algo que eles já conhecem, dominam, coisas do cotidiano, da vivência para não chocá-los com coisas consideradas “estranhas” por eles.

A falta de valorização do conhecimento adquirido no cotidiano dificulta a relação pedagógica professor X aluno. Este pensará que só é valorizado o conhecimento adquirido na escola, o que vai refletir no seu processo de leitura e de produção de texto. Em toda relação há dois lados. Se o professor valorizar inicialmente o conhecimento que o aluno traz do cotidiano, nas suas prática de produção textual, ele vai identificar-se com escrita. Afinal estará escrevendo algo dele, e aos poucos o professor estará inserindo outros contextos, outras propostas, sem nenhuma resistência.

O ambiente de sala de aula de Língua Portuguesa deve ser um lugar que disponibilize ao aluno o máximo de material impresso para que o contato com a leitura e a escrita possa acontecer, pois muitas vezes a escola é o único meio que a criança tem de ter esse contato. O que não pode acontecer é o professor acomodar-se simplesmente e assumir o discurso da falta de material didático na escola e deixar de cumprir o seu papel que é possibilitar ao aluno o acesso ao mundo da escrita. O professor deverá levar para a sala de aula textos de muitas fontes em todos os níveis de escolaridade. É claro que entendimento vai acontecer de formas diferentes. O mesmo texto, usado em todas as séries do ensino fundamental, vai ter sentidos e significados diferentes em cada série que for apresentado e este tomará diferentes dimensões, pois estaremos trabalhando com níveis de abstração e estruturas mentais diferentes. As atividades propostas, estas sim, deverão respeitar esses níveis.

Não devemos subestimar a capacidade dos alunos achando que eles não conseguem ler textos mais complexos. Textos científicos, por exemplo. Numa sala de aula sabemos que lidamos com heterogeneidade. Há aqueles que conseguirão ler com mais fluência, outros não. É interessante usarmos os que sabem ler melhor para ajudar os outros. Afinal, este é um dos objetivos do trabalho em grupo. O cuidado que devemos tomar é o de selecionar textos relacionados a temas que sejam interessantes para eles. É preciso que o texto tenha sentido para eles, para que se torne uma atividade significativa.

A falta de informações, por falta de leitura, a respeito de um tema abordado em sala de aula; a não contextualização a ser tratada no texto; o excesso de trabalho com gramática; o distanciamento do professor em relação ao assunto, mesmo sendo um problema que atinja o contexto local, dificultam o processo de construção textual do aluno que necessita do máximo de informações possíveis, para através destas, construir suas idéias e elaborar o seu texto.

Iniciar a prática de produção textual valorizando o cotidiano, o que os alunos já conhecem, dando oportunidade aos mesmos de participarem da escolha dos temas a serem trabalhados, facilita o processo de escrita em sala de aula.

O aluno concebe o texto como objeto do professor. A finalidade da sua produção é a nota como recompensa. É como numa troca. O texto é feito para alguém que o retribui quantificando. Já os professores concebem o texto como lugar de comunicação e exposição de idéias.

## REFERÊNCIAS

- APARÍCIO, A.S.M. **A renovação do ensino de gramática do primeiro grau no Estado de São Paulo**, Dissertação (Mestrado em Linguística) Unicamp, Campinas, 1994.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar hábitos de leitura**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- ECO, Umberto. O texto, o Prazer e o consumo. Sobre o espelho e outros ensaios. In: LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6 ed. São Paulo: Ática, 2003, p 77.
- FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2001.
- FREITAS, Maria Tereza de A. **Vigotky e Bakthin**. São Paulo: Ática, 1994.
- GERALDI, João Vanderley (org). **O texto na sala de aula** 3 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- GNERE, Mauricio. **Linguagem escrita e poder**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- JUNKER, B. A importância do trabalho de campo. Uma introdução às ciências sociais. In: MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa Crítica e Multireferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MACEDO, Lino de. **Ensaio construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Ensino Médio. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Médio e Tecnológico Brasília – DF, 1999.
- POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João Vanderley (org.) **O texto na sala de aula**. 3ª- Ed. São Paulo: Ática, 1999.
- TRAVASSOS, Tarcísia. Títulos, para que os quero? In: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BESERRA, Normanda Silva (org.) **Tecendo Textos, construindo Experiências**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

# ANEXOS

## ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES

- Nome?
- Grau de escolaridade?
- Há quanto tempo trabalha nesta escola?
- E com Língua Portuguesa?
- Como você vê o ensino de Língua Portuguesa hoje?
- Você trabalha com texto nas suas aulas?
- Como você vê o trabalho com texto nas aulas de Língua Portuguesa?
- Você poderia descrever o seu trabalho com produção de texto nas suas turmas?
- Do que seus alunos gostam mais nas aulas de Língua Portuguesa?
- Seus alunos sentem dificuldades para escrever?
- Poderia citar algumas dessas dificuldades?
- O que eles gostam de escrever?
- Qual sua concepção de texto?
- Qual sua concepção de linguagem e ensino da língua?

## ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO

- O envolvimento do professor com o tema sugerido para produção, e o envolvimento dos alunos.
- As informações passadas aos alunos sobre o tema a ser tratado na escrita.
- Se o professor tem definido o que ele realmente quer naquele texto e com aquele texto.
- As orientações sobre o tipo de texto a ser produzido.
- Adequação do tema ao nível de desenvolvimento dos alunos.
- O tratamento dado ao texto.
- Contextualização dada ao conteúdo.

## ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ALUNOS

- Nome?
- Série que estuda?
- Você gosta dessa escola?
- Como são os professores?
- Quem é o professor de Português?
- Você gosta de Português? Por quê?
- O que você gosta mais nas aulas de Português? Justifique sua resposta.
- O que você gosta menos nas aulas de Português? Justifique sua resposta.
- Você gosta de estudar texto? E de produzi-los?
- Como são as aulas de produção de texto?
- Você gosta de escrever sobre o quê?